



Eixo: Trabalho, Questão Social e Serviço Social.

Sub-eixo: Trabalho, questão social e serviço social – fundamentos.

AS NECESSIDADES HUMANAS A PARTIR DA CONTRIBUIÇÃO DE AGNES HELLER: UMA APROXIMAÇÃO AO DEBATE

LIANA AMARO AUGUSTO DE CARVALHO¹

Resumo: O trabalho ora apresentado surge com o objetivo de discutir o tema das necessidades humanas a partir da contribuição teórica de Agnes Heller. A pesquisa de doutoramento vem sendo desenvolvida a partir da perspectiva da vertente crítico dialética ancorada em Marx, a partir de procedimentos qualitativos de pesquisa teórica. Apesar de o referido tema ter sido relegado nos últimos anos, a produção intelectual da filósofa húngara Agnes Heller apresenta-se como uma das grandes contribuições ao debate, ao publicar o esforço da discussão empreendido sobre o tema em "A teoria das necessidades em Marx".

Palavras-chave: Necessidades humanas; Agnes Heller; Marx.

Abstract: The work presented here arises with the objective of discussing the theme of human needs from the theoretical contribution of Agnes Heller. PhD research has been developed from the perspective of the critical dialectical strand anchored in Marx, based on qualitative procedures of theoretical research. Although the subject has been relegated in recent years, the intellectual production of the Hungarian philosopher Agnes Heller is one of the great contributions to the debate, by publishing the effort of the discussion undertaken on the subject in "The theory of needs in Marx".

Keywords: Human Needs; Agnes Heller; Marx.

INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado tem por objetivo apontar as primeiras impressões sobre a discussão das necessidades humanas a partir da contribuição de Agnes Heller. A escolha em discorrer sobre o referido tema aparece como um desdobramento de pesquisas anteriores, vinculadas principalmente ao debate sobre o pauperismo, e associa-se atualmente ao desenvolvimento da pesquisa de doutoramento em serviço social.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: <lianacarvalhoss@hotmail.com>

A relevância dos estudos desenvolvidos e do intento deste trabalho justificam-se pelo fato de que o referido tema foi relegado por muitos anos, e praticamente inexistente nas produções científicas do serviço social. Pouco se sabe ou se estuda sobre as necessidades humanas nesta área do conhecimento, de maneira que essa categoria acaba majoritariamente se ausentando do debate ou se torna uma questão menor, aparecendo como algo dado, posto, imutável e passível de explicações reducionistas, principalmente quando se trata da realidade social. Por vezes, ainda se confunde o termo com as expressões de carência associadas ao empobrecimento absoluto.

Contudo, Agnes Heller traz uma grande contribuição a este debate através da sua vasta produção intelectual. Este aporte aparece mais especificamente no esforço da discussão empreendido sobre o tema em “A teoria das necessidades em Marx”, publicado em 1974.

Nascida na Hungria em 1929, assistente dos trabalhos de Gyorgy Lukács, e uma das figuras mais prestigiadas e produtivas da Escola de Budapeste, Heller desenvolveu seus estudos principalmente sobre os temas de Vida Cotidiana e Necessidades Humanas. Sem dúvida, aquele tem sido visitado com muito mais frequência que este último. No entanto, a contribuição da referida autora nesse debate não pode ser considerada uma questão menor, tendo em vista que ela contribui de forma única dentro da tradição marxiana. Heller é a única autora que enfrenta claramente essa discussão no sentido de garantir a centralidade ontológica do trabalho e o imperativo constante do intercâmbio do homem com a natureza com a finalidade de satisfazer novas necessidades advindas do avanço dessa relação recíproca. Além disso, a referida autora traz ao debate uma categoria teórica importante para pensar uma nova forma de sociabilidade, mas ainda pouco conhecida: as necessidades radicais.

Faz-se necessário, desde logo, clarificar que na nossa concepção o trabalho encontra-se na base da autocriação do ser social, sendo, portanto, a

mediação fundamental para compreender e captar a lógica presente no emaranhado das relações sociais próprias desta forma de sociabilidade, pautada na existência de classes sociais antagônicas entre si, representadas pelo conflito entre capital e trabalho. Daí enfatizamos que ao nosso ver estes elementos tornam-se compreensíveis à luz do método da vertente crítico-dialética ancorada em Marx, saindo da aparência dos fatos para se chegar a sua essência, pensando-a concretamente.

Os procedimentos metodológicos eleitos para desenvolver esta pesquisa partem de uma revisão de literatura com vistas a formação de uma fundamentação teórica satisfatória ao tema. Para chegar a este objetivo e tecer uma discussão sobre o objeto proposto e utilizando as técnicas de pesquisa qualitativa e bibliográfica, realizamos leituras e fichamentos de materiais disponíveis em meio eletrônico ou em exemplares físicos. Vale salientar que este trabalho tem sido desafiador diante da ausência de produções teóricas no Brasil e em língua portuguesa sobre o referido tema.

Tendo isso em vista, e para facilitar o traçar dos caminhos de uma aproximação do tema, faremos inicialmente uma apresentação da obra de Agnes Heller, enfocando na sua produção teórica de maior relevância para o tema das necessidades humanas. Em seguida, tentaremos tecer algumas considerações sobre o tema na referida obra, colocando os principais posicionamentos da autora. E por último faremos alguns apontamentos sobre a categoria de necessidades radicais.

DESENVOLVIMENTO

A produção de Agnes Heller é vasta e tem influência internacional. Segundo Granjo (2008), sua obra é composta por aproximadamente trinta e um livros e cem artigos. No entanto, essa produção não conforma um todo homogêneo sob o ponto de vista teórico-metodológico.

Como apontamos antes, Heller foi aluna e assistente dos trabalhos de Gyorgy Lukács dos anos de 1947 até 1958. Depois do seu doutoramento em 1955 continuou participando dos trabalhos da Escola de Budapeste ao lado de alguns colegas de pesquisa como Gyorgy Markus, Ferenc Fehér e Mihály Vajda. Contudo, com a expulsão do Partido Comunista, Heller perdeu seu cargo na Universidade de Budapeste, e no final da década de 1970 migrou para a Austrália e posteriormente para os Estados Unidos. Atualmente, a filósofa húngara assume a cátedra Hannah Arendt de Filosofia e Ciência Política na *New School for Social Research*, em Nova Iorque, onde continua lecionando e produzindo, estendendo o seu legado teórico (ORTEGA, 2002).

O fato é que, nesse intervalo de tempo Heller foi paulatinamente dialogando com outros autores e outras formas de compreensão do mundo, o que levou ao abandono da perspectiva marxiana de leitura da realidade e a desvinculação da tradição marxista.

Como diz Granjo (2008),

A partir de 1978, quando deixou a Hungria, começou a percorrer caminhos que a afastaram cada vez mais de suas origens, da obra de Lukács e mesma da teoria de Marx. A distância sempre maior que se tem aberto entre Heller e sua tradição inicial, bem como o fato de não explicitar aqueles que são hoje seus pressupostos teóricos, a deslocam cada vez mais do lugar de pensadora capaz de oferecer pistas para a atual crise do pensamento e dos paradigmas, para o de expressão cabal dessa mesma crise (p. 9,10).

Entre os poucos autores que versam sobre a produção teórica de Agnes Heller, Granjo aponta que essa “virada” teórico metodológica, principalmente no início da década de 1980, evidenciou uma profunda mudança de paradigma na sua produção teórica, de maneira que podemos falar de uma produção helleriana antes e depois do ano de 1978.

Sendo este um divisor de águas, queremos desde logo salientar que o tema das necessidades humanas aparece em muitos momentos da obra da referida autora, vinculando-se ao marxismo ou não. Por isso, acreditamos que para se ter uma compreensão global das suas preocupações teóricas e do seu pensamento é necessário visitar toda a sua produção, compreendendo os determinantes históricos e pessoais da sua existência.

No entanto, garantindo um percurso metodológico exequível, clarificamos que esta pesquisa tem um enfoque restrito às obras da primeira fase da autora, ou seja, aquelas que compõem a sua produção teórica vinculada ao marxismo, tradição à qual este trabalho também se vincula.

No primeiro momento da sua produção teórica, quando vinculada a tradição crítico dialética em Marx, Heller discorreu especificamente sobre o tema das necessidades humanas em um livro intitulado “A Teoria das Necessidades em Marx”, publicado pela primeira vez do ano de 1974, e republicado em espanhol pela Editora *Ediciones Península*, doze anos depois.

Sem dúvida, esta é a principal publicação de Heller sobre as necessidades humanas, mas além dessa produção queremos destacar outros títulos importantes dessa primeira fase, que em alguma medida complementam-se entre si, pois abordam o tema por caminhos diferentes.

Nesse sentido, enfocando principalmente a abordagem do tema das necessidades na fase marxista de Heller, queremos destacar: “O cotidiano e a história”, de 1970, mas publicado no Brasil apenas em 1989, como uma coletânea de artigos na qual a autora discute temas que mais tarde se transformariam nos pilares da sua produção teórica; e “Hipóteses para uma teoria marxista dos valores”, de 1974, onde a autora discute principalmente a relação entre moral e marxismo e associa a noção de valores àquilo que ela entende como necessidades sociais.

Ainda, mesmo não discorrendo especificamente sobre o tema proposto, destacamos “Sociologia da Vida Cotidiana”, de 1977, como a principal contribuição teórica da autora na sua fase marxista, e também a mais conhecida. Nesta última Heller discute as funções da vida cotidiana e o seu conjunto, colocando a sua gênese, seus limites e seu funcionamento.

O livro “A teoria das necessidades em Marx” compreende uma publicação na qual Heller parte de um estudo sobre o homem e seu intercâmbio com a natureza e com os outros homens. Compreendendo o trabalho como práxis, a autora traz para a discussão uma tentativa de mostrar na teoria marxiana uma teoria das necessidades subjacente, implícita, de presença inequívoca.

Para Granjo (2008), “é uma das suas obras mais provocativas, cujo tema central, ainda hoje, se bem que outro ponto de vista, constitui-se em marco do pensamento da autora” (p.116).

Nessa publicação, a autora começa discutindo o conceito marxiano de necessidades, passando pelo seu diálogo com a economia política clássica e os pilares da crítica da economia política citando a força de trabalho, o mais valor e o valor de uso como conceitos que de certa forma já se referem e tangenciam um conceito de necessidade.

Para Heller, Marx define valor de uso a partir de um conceito de necessidade, mas nunca se atém a este conceito em si, e por isso não chega a trabalhar a referida categoria. Nesse sentido, na sua compreensão, entre os principais descobrimentos econômicos de Marx o conceito de necessidade aparece implícito, mas executando sempre um papel fulcral.

De acordo com o pensamento da autora, o conceito de necessidades sempre foi decisivo para os teóricos da economia política clássica, mas aparecia num contexto completamente distinto da compreensão de Marx. Para aqueles as necessidades seriam como algo puramente econômico, e as

necessidades dos trabalhadores seriam os limites da riqueza e assim eram analisados.

No entanto, Heller acredita que foi nos manuscritos de 1844 que Marx de fato rejeita uma concepção puramente econômica das necessidades e a coloca como expressão da alienação. Dito de outra forma, para Marx reduzir as necessidades a necessidade econômica é, pois, expressão da alienação no modo de produção capitalista.

Nesse sentido, como o sistema de necessidades baseiam-se na divisão do trabalho e as necessidades aparecem mediadas pelo mercado, o objetivo desta forma de sociabilidade não seria a satisfação das necessidades humanas em si, mas a valorização do capital.

Numa sociedade de produtores associados estas necessidades não se manifestariam pelo consumo de valores de troca, mas pela valorização das necessidades de fato humanas, tendo como expressão a repartição da força de trabalho e do tempo de trabalho. Assim, haveria uma modificação de toda a estrutura das necessidades, e o trabalho, de fato, apareceria como necessidade vital.

Na concepção helleriana, a esfera da produção cria novas necessidades, mas isso depende do que já existe, aquilo que já foi produzido. Por isso, a criação e a satisfação das necessidades inauguram um processo histórico e social, contínuo.

Em suas palavras,

La necesidad del hombre y el objeto de la necesidad están en correlación: la necesidad se refiere en todo momento a algún objeto material o a una actividad concreta. Los objetos “hacen existir” las necesidades y a la inversa las necesidades a los objetos. La necesidad e y su objeto son “momentos”, “lados” de um mismo conjunto. [...] entonces [...] es la producción la que crea nuevas necesidades. En efecto, también la producción que crea nuevas

necesidades se encuentra en correlación con las ya presentes (HELLER, 1984, p.43).

A autora continua a sua argumentação afirmando que o homem cria as suas necessidades e ao mesmo tempo cria os meios para satisfazê-la, e isto é o que lhe diferencia dos animais. Nesse sentido, o homem é, ao fundo, a gênese das necessidades, e estas se realizam a partir da objetivação, de maneira que os objetos criados regulam o desenvolvimento de novas necessidades. Por isso, o caráter ativo do homem, de executor de atividade concreta diante da natureza, possibilita uma objetivação que cria novas necessidades.

E complementa o raciocínio dizendo que

En la producción de los instrumentos aptos para satisfacer necesidades elementales, la necesidad de los instrumentos es ya una necesidad nueva que se diferencia de la animal. [...] En general denominamos necesidad solamente a la propiamente humana referida a objetivaciones y dirigida hacia ellas; en el animal se trata de necesidad, instinto, drive, etcétera” (idem, ibidem, p.45).

Mais adiante a autora chega a um nível da argumentação na qual ela reafirma ser o problema de alienação das necessidades o núcleo central da análise filosófica de Marx. E em seguida ela entra no esboço da discussão sobre essência humana.

Vale salientar que a referida discussão não é desenvolvida por Heller neste livro, mas a mesma referência o debate desenvolvido pelo seu companheiro de pesquisa Gyorgy Markus, em *Marxismo e Antropologia*.

Tomando como base a contribuição do autor, vale dizer que

[...] a essência do homem pode ser encontrada no trabalho, na sociabilidade e na consciência, assim como na universalidade

que abarca esses três momentos e que se manifesta em cada um deles. [...] Marx afirma expressamente que, como resultado da alienação, é precisamente a “essência humana” que é alienada e retirada do proletariado (no sentido de que o proletariado não pode realiza-la na própria vida), de modo que ela só pode ser recuperada através da transformação revolucionária de toda a sociedade. [...] O ponto aqui, no entanto, não é simplesmente que há certos traços abstratos que permanecem invariáveis através da transformação histórica da natureza concreta dos homens reais, mas, acima de tudo, que esta formação incessante da “natureza humana” é, em si, um processo unitário que pode ser compreendido e caracterizado em sua unidade. [...] A universalidade do homem e a sua liberdade marcam a direção geral do processo histórico da humanidade: a caracterização do homem como um ser social consciente, envolvido em uma autoatividade produtiva material, aponta as características necessárias, as dimensões desde processo total de desenvolvimento sobre as quais se desdobra a tendência histórica e em cujas esferas se manifesta essa tendência (MARKUS, 2015, p.89-96, grifos nossos).

Por hora, e priorizando os nossos objetivos, não entraremos especificamente nessa discussão, mas importa salientar que para Heller este conceito, caracterizado por universalidade, consciência, socialidade, objetivação e liberdade são fundamentais para compreender a diferenciação dos homens para os animais.

Para ela os homens desenvolvem suas qualidades conforme a espécie no plano social, mas os indivíduos particulares não participam da riqueza do conjunto social. Por isso o indivíduo permanece pobre, mas produzindo um enriquecimento paralelo do gênero. Com a superação da alienação todo indivíduo poderá participar da riqueza social. Assim, o homem se converterá em um gênero para si, havendo, pois, uma correspondência entre a sua interioridade e a exterioridade, adequada a essência humana.

Nesse sentido, ao mesmo tempo que o capitalismo avança, ele também limita o enriquecimento das necessidades humanas. Isso se dá de duas maneiras: produzindo a pobreza e limitando o desenvolvimento das forças produtivas degradando o próprio trabalhador. Isto porque a relação entre meio

e fim do trabalho, ou seja, da satisfação das necessidades através da produção material, também aparece comprometida.

Infere-se que a produção de valores de uso, como produto de trabalho concreto, não serve para satisfação de necessidades no capitalismo. Inversamente, o que satisfaz as necessidades humanas nesta forma de sociabilidade é o trabalho abstrato, com o qual o trabalhador se mantém na relação de assalariamento. Ou seja, o trabalho converte-se em simples meio de reprodução do trabalhador.

De acuerdo con Marx el fin de la producción social debería estribar en la satisfacción de las necesidades sociales, pero la industria y la agricultura capitalistas no producen para las necesidades, ni tampoco para su satisfacción. El fin de la satisfacción de las necesidades (en el mercado) consiste únicamente en un medio para ello. [...] El capitalismo es el rufián que produciendo objetos y necesidades siempre nuevas instiga a los hombres a prostituirse. El aumento numérico de las necesidades no podrá nunca convertirse en verdadera riqueza, pues constituye el medio de una fuerza esencial extraña a los individuos (HELLER, 1986, p.55).

Para Heller, o conceito de necessidade social sugere a superação da alienação. Significa, pois, um sistema de necessidades gerais, acima das necessidades individuais e pessoais, correspondendo a uma média de necessidades individuais, desenvolvidas historicamente, transmitidas nos usos e dotadas de componentes morais.

Contudo, o ponto alto da argumentação feita tem como expressão a categoria necessidades radicais. A reflexão proposta pela autora traz à baila a reflexão de necessidades que não podem ser satisfeitas no modo de produção capitalista, exigindo-se, portanto, uma atividade revolucionária da classe trabalhadora no sentido de transitar do reino das necessidades para o reino da liberdade, numa construção coletiva de fato emancipatória da humanidade.

Es la sociedad capitalista la que provoca la manifestación de las necesidades radicales produciendo de este modo sus propios sepultureros; necesidades que son parte constitutiva orgánica del “cuerpo social” del capitalismo, pero de satisfacción imposible de esta sociedad y precisamente por ello motivan la praxis que trascende la sociedad determinada. [...] La necesidad de tempo libre constituye según Marx una necesidad elemental porque supera en todo momento los límites de la alienación (idem, ibidem, p. 106,108).

Portanto, na perspectiva de Heller as necessidades radicais aparecem como construções do próprio capitalismo, geradas inevitavelmente por ele. Nesse sentido, só a luta de um sujeito coletivo forjado a partir de uma revolução radical e total conseguirá realizar um dever coletivo consistente e capaz de criar uma nova forma de sociabilidade na qual as necessidades sejam de fato satisfeitas, eliminando as formas de alienação e criando o tempo livre.

Por isso, “o equilíbrio entre as necessidades e sua satisfação apenas seria possível na sociedade de produtores associados, na qual as necessidades não se apresentariam pelo mercado” (GRANJO, 2008, p.70).

CONCLUSÃO

Sem dúvida, com o avanço dos procedimentos de pesquisa novos elementos serão incorporados a este debate, suscitando uma análise mais ampla e crítica dessa produção teórica em pauta.

Contudo, por hora, identificamos apenas alguns elementos que merecem ser apontados como primeiras impressões do diálogo com a obra de Agnes Heller. Vejamos quais são esses elementos:

Inicialmente, compreendemos que apesar da mudança ideológica de Heller apresentada principalmente na década de 1980, o seu pensamento continua válido para tentar compreender a estrutura das necessidades humanas no modo de produção capitalista, oferecendo pistas, inclusive, para pontuar a existência e a satisfação das necessidades para além dele.

Contudo, percebe-se que em toda a argumentação presente no livro abordado a autora esforça-se para, ao passo que realiza o diálogo com as obras da juventude e maturidade de Marx, retomando incontáveis passagens das mesmas, conseguir mostrar a existência de uma teoria das necessidades na obra, ainda que isso não tenha sido elaborado e presente claramente na obra marxiana.

Não sem problemas, interessante também é notar que em todo o livro Heller afirma um posicionamento valorativo não consciente, positivo ou negativo, a depender do nível de argumentação, do próprio Marx em relação as necessidades, e ela coloca em vários momentos esta reafirmação.

Em geral, como dissemos, parece consensual entre os autores que de alguma forma abordam a sua produção que as mudanças teórico metodológicas pouco claras realizadas por Heller comprometeram o rigor teórico das elaborações referentes a concepção de necessidades humanas por ela desenvolvida e aqui esboçada. Fala-se mesmo em uma mudança abrupta dessa concepção, que ao abandonar a teoria marxiana, abandonou também a perspectiva dialética e, mais que isso, perdeu a consistência teórica” (GRANJO, 2008, p.73).

Por último, entendemos que apesar desses elementos, a análise de Heller sobre a questão das necessidades continua atual e relevante para compreender a estrutura do sistema de necessidades da sociedade capitalista, bem como válido para fundamentar o debate sobre as necessidades radicais a partir principalmente do seu primeiro momento teórico metodológico, vinculado ao aporte teórico marxiano e ao método dialético.

Nesse sentido, a contribuição teórica de Agnes Heller sobre as necessidades humanas em Marx, apesar de não ter ainda maiores leitores no Brasil, merece atenção sobretudo em tempos nos quais estas necessidades aparecem completamente reificadas pela ordem do capital, resumindo-se apenas a esfera do consumo como mediação necessária a sua satisfação.

REFERÊNCIAS

GRANJO, Maria Helena Bittencourt. **Agnes Heller: filosofia, moral e educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HELLER, Agnes. **Sociología de la vida cotidiana**. Barcelona: Provença, 1977.

_____. **Teoría de las necesidades en Marx**. Barcelona: Ediciones Península, 1986.

_____. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 11. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

MARKUS, Gyorgy. **Marxismo e antropologia: o conceito de “essência humana” na filosofia de Marx**. Coleção Debates e perspectivas. Expressão Popular: São Paulo, 2015.

ORTEGA, Francisco. **Agnes Heller entrevistada por Francisco Ortega**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.